

A Contribui3o do Professor no Processo de Desenvolvimento da Pessoa

Profa. Dra. S3lvia Regina Brand3o
Universidade Municipal de S3o Caetano do Sul

Resumo: Pretende-se evidenciar o papel do professor no processo de desenvolvimento e educa3o da pessoa segundo dois referenciais te3ricos distintos: a perspectiva hist3rico-cultural de Lev Vygotsky e do m3todo formativo de Alfonso L3pez Quint3s. Ao destacar as concep3es de pessoa, de desenvolvimento e de ensino e aprendizagem desses dois autores conclui-se que ambos concebem a centralidade da contribui3o do professor bem como a necessidade de atua3o singular e criativa do educando para a realiza3o do processo educativo.

Palavras-Chave: contribui3o do professor, processo educativo, desenvolvimento da pessoa.

The contribution of the teacher in the development of the person

Abstract: We intend to provide evidence the role of the teacher in the process of development and education of the person according to two different theoretical references: the historical-cultural perspective of Lev Vygotsky and the training method of Alfonso L3pez Quintas. On highlighting the concepts of person, development and also teaching and learning of these two authors it is concluded that both conceive the centrality of the teacher's contribution and, as well, the need for unique and creative performance of the student for the completion of the educational process.

Key-words: contribution of the teacher, educational process, development of the person.

A gera3o de novas tecnologias promove agilidade e efic3cia na transmiss3o de informa3es, cria recursos inovadores para o processo de ensino e aprendizagem e traz 3 tona quest3es acerca da presen3a e/ou trabalho do professor: a fun3o docente restringe-se 3 tarefa t3cnica de transmissor do conhecimento ou de monitor de programas pr3-estabelecidos? Ou h3 no trabalho do professor uma contribui3o t3o original e, ao mesmo tempo, ampla que impossibilita ser substituído ou relegado a um segundo plano?

O papel do professor, do "outro" no processo de desenvolvimento e de educa3o da pessoa tem sido objeto de in3meros estudos e pesquisas na 3rea da Educa3o, realizadas a partir de diversos enfoques te3ricos. Cabe perguntar: qual 3 a contribui3o do educador para que a pessoa se desenvolva plenamente, isto 3, humanize-se? O que significa ser pessoa e qual 3 a fun3o do outro nesse processo? Qual 3 o papel da educa3o formal ou escolar para o desenvolvimento pessoal? Buscaremos responder a essas quest3es dialogando com dois autores Lev Vygostky e Alfonso L3pez Quint3s, de perspectivas te3ricas distintas e que trazem subsídios fundamentais para compreens3o do "outro" no desenvolvimento e forma3o da pessoa.

Pessoa

Atrav3s dos outros constitu3mo-nos. (...) A personalidade torna-se para si aquilo que ela 3 em si, atrav3s daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este 3 o processo de constitui3o da personalidade. (Vygotsky, 2000, p.24)

Lev Vygostky (1896-1934) dedicou-se a estudar a g3nese do desenvolvimento dos processos psicol3gicos, assumindo como matriz do seu pensamento o

materialismo histórico. Para Vygotsky o ser humano é um indivíduo social, concreto, que pertence a grupo cultural específico. A concepção da pessoa de Vygotsky está claramente definida em um texto *Manuscrito* de 1929.

O que é o homem? Para Hegel é o sujeito lógico. Para Pavlov é o soma, organismo. Para nós é a personalidade social = o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo. (Vygotsky, 2000:33)

Essa personalidade social constitui-se por meio da interação com o(s) “outro(s)”, que possibilitará(ão) o desenvolvimento da pessoa. A própria relação entre duas pessoas é concebida como um evento social e cultural, a partir da qual o ser humano se apropria do conhecimento disponível na sociedade em que vive. Essa relação é decisiva para constituição da especificidade do humano, que é a possibilidade de passar do plano natural para o cultural (Pino, 2000)

Na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky a relação com o “outro” é imprescindível para o desenvolvimento cultural e para a formação das funções psicológicas superiores, entre elas, a própria consciência de si mesmo. Como explica Angel Pino, o desenvolvimento cultural “é o processo pelo qual o mundo adquire *significação* para o indivíduo, tornando-se um *ser cultural*. Fica claro que a *significação* é a mediadora universal nesse processo e que o portador dessa significação é o *outro*, lugar simbólico da humanidade histórica.” (Pino, 2000, p. 66).

Assim, o “outro” é condição para a formação da consciência de si, para a constituição da *personalidade social*: “a pessoa como membro de um grupo social definido. Como unidade social definida. Como ser em si – para os outros e – para si.” (Vygotsky, 2000, p. 32). É por meio do outro que a pessoa – de modo muito particular a criança, descobre – além da significação das coisas, o significado dos atos dos outros e dos seus próprios atos, de si mesma: “eu me relaciono comigo tal como as pessoas relacionaram-se comigo” (2000, p.25). A centralidade da presença do outro para a constituição do eu é explicada com clareza por Pino:

O que é internalizado das relações sociais não são as relações materiais, mas a significação que elas têm para as pessoas. Significação que emerge na própria relação. Dizer que o que é internalizado é a significação dessas relações equivale a dizer que o que é internalizado é a significação que o outro da relação tem para o eu; o que, no movimento dialético da relação, dá ao eu as coordenadas para saber quem é ele, que posição social ocupa e o que se espera dele. Dito de outra forma, é pelo outro que o eu se constitui em um ser social com sua subjetividade. Se o que internalizamos das relações sociais é a significação que o outro da relação tem para o eu, esta significação vem através desse mesmo outro. (Pino, 2000, p. 66)

Vygotsky atribui assim, à significação presente na relação “eu”-“outro”, papel estruturante na formação da consciência pessoal, é a partir dessa significação que a subjetividade se forma. Entretanto, cabe ressaltar que a importância do “outro” e da significação que ele oferece para a estruturação do “eu” não exclui ou determina a resposta desse último, ou seja, destaca-se sua expressão e contribuição singular. Logo, na relação com o outro, na interação com o mundo social e cultural a pessoa constrói uma trajetória particular, tem possibilidade de re-significar o que apreende e dar contribuições singulares para o processo constante de recriação da cultura.

Assim sendo, Vygostky concebe a pessoa – de modo especial a criança – e seu desenvolvimento como prospectivos, isto é, não previsível ou pré-determinado. O

desenvolvimento é um processo dinâmico, aberto e um trabalho conjunto e recíproco entre o “eu” e o(s) “outro(s)” e por isso sempre novo: é “uma ação permanente e indeterminável, por isso singular. Cada um tem um papel ativo, criativo e constitutivo no seu próprio processo de desenvolvimento.” (Vasconcellos, 2006, p.82)

Portanto, a perspectiva histórico-cultural vygotskiana, concebe a pessoa como um ser eminentemente social e considera central a presença dos “outros” que convivem com ela, seja para sua inserção no mundo histórico-cultural (nível *sociogenético*), trabalho que é realizado particularmente pelo professor para o desenvolvimento pessoal e constituição de sua subjetividade (níveis *ontogenético* e *microgenético*). Sublinha ainda a capacidade de re-criação da cultura por cada pessoa, apresentando contribuições particulares para o mundo por meio de sua trajetória singular.

A pessoa como tal não fica reduzida nos limites de seu corpo; abrange um amplo espaço: influi sobre outras e é por elas influída, retém o passado e projeta o futuro, sobrevoa sobre os acontecimentos e penetra no seu sentido.(Quintás, 1995, p.59)

O filósofo da educação espanhol Alfonso López Quintás (1928), cujo pensamento é fundamentado no existencialismo de K. Jaspers, G. Marcel, M. Heidegger e na filosofia de Romano Guardini, estruturou uma teoria e método formativo integral da pessoa baseado em sua formulação antropológica: “o homem é um de encontro”. Para Quintás o homem nasce, desenvolve-se e realiza-se por meio do encontro com o outro. Todo ser humano procede de um encontro pessoal e está inclinado, destinado a fundar outros encontros: a vida humana deve ser uma trama de encontros que tende a ampliar-se indefinidamente. O *encontro* é assim definido por ele:

O encontro no sentido estrito não se reduz à mera proximidade física ou a um, choque entre duas pessoas. É um tipo privilegiado de união que estabelecemos com as outras pessoas, que são âmbitos dotados de um poder de iniciativa. (Quintás, 2003, p.82) (tradução nossa)

A capacidade de encontro é uma característica idiossincrática da pessoa, concebida como um ser único, que se constitui e se torna ela mesmo quando está “referida a”: a outra pessoa, às coisas, à realidade. Destaca-se a centralidade da relação interpessoal, que por expressar duas singularidades, não deve ser denominada como “eu”-“outro”, pois esse último não é indeterminado, mas constitui um “tu”: Assim, “a pessoa está, na forma de diálogo, essencialmente ordenada à outra pessoa, está por natureza destinada a tornar-se o ‘eu’ de um ‘tu’. A pessoa fundamentalmente só não existe.” (Guardini, 2000, p. 120)

Assim sendo, podemos afirmar que o *encontro* é o espaço por excelência de desenvolvimento da pessoa, por meio do qual ela se sente acolhida e impelida a descobrir e realizar o que lhe é próprio. O ‘tu’ constitui uma oportunidade e um apelo únicos para que o ‘eu’ descubra a amplitude e a profundidade do chamado que traz consigo: o chamado a ser si mesmo, a responder em primeira pessoa ao outro, ao mundo.

É nesse aparente paradoxo, da saída de si (para o “tu”) e na descoberta, na expressão da própria individualidade, que a pessoa se constitui. Para atingir o que há de específico e exclusivo em si, é necessária a expressão ou a articulação, diante do mundo, da palavra “eu”, pois só assim a pessoa se aproxima do seu núcleo irreduzível, que permanece íntegro e preservado, seja qual for a circunstância em que se encontre. É por meio dessa singularidade e interioridade que a pessoa se expressa na relação com os outros, com o mundo, expressando um valor próprio, único.

Além da singularidade, Quintás destaca a originalidade da cada ser humano. Cada pessoa torna possível um modo de ser inteiramente novo, porque fundado em sua interioridade, em sua individualidade; ela é capaz de dar um *novo início*, de uma ação e criação inéditas, movida por si mesma, isto é, por alguém que não existiu no passado e que não existirá no futuro, mas que existe nesse preciso momento. A pessoa é concebida como *princípio*, como possibilidade totalmente nova no mundo, como podemos reconhecer na afirmação poética de Guimarães Rosa: "*Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!*" (Rosa, 1986, p. 142)

Desse modo, o *encontro* além de ser o espaço de constituição da pessoa é um espaço formador, pois é por meio dele que a pessoa é recebida e também introduzida no mundo. São os outros ("tus") que lhe apresentam o ambiente em que vive, com suas características materiais, sociais, culturais, afetivas, etc... Quintás explica que faz parte do desenvolvimento pessoal a percepção da realidade em seus diferentes níveis: aqueles que são concretos, mensuráveis – objetos, lugares, etc – e outros, que são tão reais quanto os primeiros, mas que são "*inobjetivos*", não delimitados como, por exemplo, os relacionamentos humanos, a experiência artística. Assim, existe um primeiro nível de realidade que são os objetos: têm limites precisos, normalmente usados como meio para um determinado fim. E um segundo nível, identificado como "um campo de realidade", um campo de jogo, de troca que o autor denomina de *âmbito*. Âmbito indica a potencialidade que determinados objetos ou seres vivos têm para estabelecer um relacionamento, para "responder" a uma provocação, gerando possibilidades totalmente novas:

Âmbito é uma realidade estrutural, dinâmica, aberta, capaz de responder às solicitações das outras realidades e, ao mesmo tempo, deixar-se influenciar por elas, gerando realidade novas, de maior envergadura, irreduzíveis, originais." (Quintás, 1987, p. 163. trad. nossa)

A pessoa, âmbito por excelência, depende da relação com outros âmbitos para se desenvolver, sejam eles pessoas, acontecimentos, lugares, produções culturais, científicas, obras de arte, enfim, a realidade objetiva e sócio-cultural, que oferecem possibilidades de troca e enriquecimento pessoal. Para Quintás, em princípio, toda a realidade é ambital, podendo assumir essa condição, de fato, na relação de abertura e troca que o ser humano estabelece com ela.

Logo, na perspectiva quintasiana, a pessoa é um ser relacional, que se desenvolve por meio do encontro, no qual é recebida em sua singularidade e originalidade, ao mesmo tempo em que acolhe e contribui para o crescimento do outro. A relação de troca e enriquecimento mútuo com os diversos níveis (material, ambital e pessoal) do contexto no qual que vive é condição para o seu desenvolvimento: "o encontro, entendido em sentido rigoroso, é decisivo para o desenvolvimento do homem como pessoa e conseqüentemente para sua formação." (Quintás, 2004, p.54)

Processo educativo

Para ambos os autores, Vygostky e Quintás, o trabalho educativo é imprescindível para o desenvolvimento da pessoa, embora cada um deles enfatize aspectos diferentes desse processo.

Vygostky dá papel de destaque à aprendizagem, já que por meio dela se dá a inserção da pessoa no contexto histórico e cultural e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que envolvem consciência, planejamento, volição. Para ele, o

processo de aprendizagem é acionado externamente: sem o contato com o meio cultural não se realizam os processos internos de desenvolvimento humano.

A relação interpessoal no processo de ensino-aprendizagem é essencial para a própria definição desse processo (Oliveira, 2002), sendo que ela pode ocorrer espontaneamente, pela imersão da criança no ambiente cultural ou em uma situação formal, a educação escolar, que envolve intervenções pedagógicas precisas para orientar a aprendizagem. Em qualquer dessas situações ocorre o que Vygotsky chama de lei geral do desenvolvimento proximal:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (Vygotsky, 2007, p. 103)

É pela interação e ajuda de outras pessoas que a criança avança em seu desenvolvimento e torna-se capaz de ações autogeradas, autônomas. Assim, a lei de desenvolvimento proximal descreve a relação intrínseca entre desenvolvimento e aprendizagem: essa última deve sempre antecipar-se ao primeiro, ou seja, um deve se converter no outro. Para tanto, no ensino formal, na escola, a criança deve desenvolver “atividades que a obriguem a colocar-se acima de si mesma. Isto sempre se refere a um sadio escolar” (Vygotsky, 2001, p.336), de tal modo que o processo de aprendizagem impulse o processo de desenvolvimento.

Assim sendo, fica claro a posição ativa da criança no processo educativo, apropriando-se do conhecimento disponível no contexto sócio-cultural em que vive, por meio da relação com o professor e colegas. Essa internalização se dá a partir de relações interpessoais significativas, isto é, do nível *intersubjetivo* para o nível *intrasubjetivo*. A trajetória da aprendizagem e do desenvolvimento, então, acontece de fora para dentro, portanto, mais uma vez, é a referência externa que permite ao ser humano constituir-se como tal.

É importante lembrar a ênfase dada ao devir, ao “novo” durante todo o processo educativo: a atenção do professor deve se voltar aos aspectos que estão embrionariamente presentes, ao que Vygotsky chama de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento (2007, p.98), ao invés de privilegiar os frutos ou conquistas do mesmo. Além disso, a ênfase à “idéia de reconstrução, de reelaboração, por parte do indivíduo dos significados que lhe são transmitidos pelo grupo cultural” (Oliveira, 1993, p. 63) indica a possibilidade criativa da pessoa, capaz de assimilar e transformar a cultura a partir de sua singularidade.

Um aspecto central e original do referencial teórico vygotskiano é a *significação* – capacidade de criação ou uso de signos –, considerada a atividade mais geral e fundamental do ser humano. A emergência da capacidade simbólica constitui tanto na história da espécie quanto na história individual o ponto de passagem do plano natural para o cultural, ou seja, é pela linguagem que o ser humano pode realizar o intercâmbio sócio-cultural e estruturar seu pensamento. É graças à capacidade semiótica que a pessoa aos poucos vai aprendendo o que já foi descoberto por outros, tornando “sua” uma parte do patrimônio histórico, cultural e social. (Pino, 2004). Assim sendo, a linguagem, a palavra possibilita a relação social e, ao mesmo tempo, a constituição da interioridade:

Destaca-se a palavra como um signo por excelência, como modo mais puro e sensível de relação social e, ao mesmo tempo, material semiótico da vida interior. Constituindo uma especificidade do humano – viabiliza modos de interação e operação mental – possibilita ao homem não apenas indicar, mas nomear, destacar e referir pela linguagem; e pela linguagem, orientar e planejar, (inter)regular as ações, conhecer o mundo, conhecer-se, tornar-se sujeito, objetivar e construir a realidade. (Smolka, 2004, p. 42)

Assim sendo, na perspectiva sócio-cultural de Vygotsky, o educador tem um papel central no processo educativo de seus alunos, pois é quem vai orientar e guiar o processo de aprendizagem e desenvolvimento, promovendo o conhecimento, como bem cultural e social, além da formação das funções psicológicas superiores, isto é, da subjetividade. Verifica-se, ao mesmo tempo, que é imprescindível a posição atuante do educando, indicando que os processos de ensino e aprendizagem são indissociáveis: há quem aprende, de forma ativa e particular, porque há quem ensine, quem dirija o processo educativo.

A partir das reformas curriculares ocorridas em vários países na década de 90, de caráter eminentemente formativo, observou-se preocupação e perplexidade por parte dos professores, que muitas vezes não viam relação direta entre os conteúdos de suas disciplinas e temas transversais como ética, sexualidade, cidadania, etc...Para responder às novas orientações educacionais, Alfonso López Quintás estruturou, a partir de subsídios antropológicos e filosóficos, um método visando a formação integral da pessoa.

Segundo ele, o primeiro e fundamental aspecto a ser cuidado no processo educativo é aprender a pensar adequadamente, de modo a conhecer a realidade e ter discernimento para avaliá-la. Para *pensar com rigor* é necessário inicialmente aprender a olhar a realidade circundante, descobrir seus diversos níveis e as várias possibilidades de relacionamento que ela oferece.

Há três formas de realidade diferentes: os objetos, os âmbitos e os sujeitos, que implicam diferentes possibilidades de relação para a pessoa. Com os objetos, as relações são de uso e manipulação, já que eles possuem uma utilidade específica e quando a perdem são normalmente descartados. Os âmbitos, realidades que oferecem possibilidades de troca, promovem outro tipo de relação, que é a de abertura e iniciativa, gerando enriquecimento recíproco. O sujeito (a pessoa), âmbito com extraordinário poder de iniciativa e decisão, apresenta possibilidades incalculáveis de criação. *Pensar com rigor* implica distinguir esses níveis de realidade de forma a se relacionar com eles conforme suas características e possibilidades.

Segundo Quintás, a relação adequada com cada um desses níveis favorece o desenvolvimento e crescimento pessoal. Se a pessoa reconhece, por exemplo, que um violão é mais que um objeto de madeira ou um livro mais que um conjunto de papéis, poderá crescer na possibilidade de compreensão e expressão do real por meio deles. Do mesmo modo, para que seja possível a relação educativa, o encontro entre educador e educando, é preciso o reconhecimento de que ambos são âmbitos e, por isso, capazes de oferecer e receber potencialidades, conhecimentos singulares.

Para pensar com rigor é preciso um processo educativo, de modo que se aprenda a identificar no ambiente, nos acontecimentos, nas pessoas possibilidades de troca e enriquecimento. Nesse sentido, é imprescindível a presença de um educador, um mestre, caracterizado por certa capacidade de compreensão e relação com a realidade. Ele provoca a admiração do discípulo, a atração por sua maneira particular de ser: “o abalo da admiração está na base de ‘todo conhecimento profundo, não só do

filosofar’, e então é necessário, pela própria natureza das coisas, que o aluno seja guiado a descobrir esse caráter admirável da matéria de que se trata.” (Lauand, 1987, p.123). Mestre é, portanto, aquele que tem autoridade, *auctoritas*, do latim, “aquele que faz crescer”.

Desse modo, por meio do processo formativo é possível abrir-se para os diversos significados presentes na realidade, conforme sua especificidade (objeto, âmbito ou pessoa) possibilitando, além disso, descobrir o sentido particular que se revelará na relação de cada pessoa com eles. Quanto mais a pessoa apreende o caráter relacional da realidade circundante (material, social, cultural) maior será sua possibilidade de desenvolvimento e aprendizagem. “O sentido vem a ser o significado especial adquirido por um termo quando ele é visto numa trama de relações.”(Quintás, 2004, p. 57).

Portanto, para Quintás, o processo educativo visa a formação integral da pessoa, e a capacidade de pensar com rigor, de modo a conhecer e se relacionar com a realidade com discernimento. Para tanto, é preciso que o educador apresente a realidade como relacional – uma trama de relações – com diferentes significados e sentidos, que podem ser descobertos mediante a abertura e resposta do educando. Nesse sentido, a direção do desenvolvimento se dá do interior para o exterior, já que a existência pessoal, construída mediante relações enriquecedoras e criativas com a realidade se dá a partir do interior, da decisão pessoal. Nas palavras do próprio autor: “Educar significa preparar o ser humano – que não é um objeto e sim um âmbito – para encontrar-se com outros âmbitos e criar diversas possibilidades de encontro.” (Quintás, 1996, p. 21) (*tradução nossa*)

Em suma

Um aspecto especial da percepção humana – que surge em idade muito precoce – é a percepção de objetos reais. Isso é algo que não encontra correlato na percepção animal. Por esse termo eu entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significação. (Vygotsky, 2007, p.24)

Considerando a estrutura eminentemente aberta (social, relacional) da pessoa, afirmada por perspectivas teóricas tão distintas entre si, evidencia-se a contribuição imprescindível do professor para o desenvolvimento e educação da pessoa, tanto no pensamento de Vygotsky quanto no de Quintás. O professor favorece a introdução do aluno na realidade, apresenta seu significado por meio de sua presença, de sua intervenção, enfim, por meio da relação educativa entre eles: *eu-outro*, *eu-tu*. Ambos os autores consideram a reversibilidade dessa relação não apenas porque só se aprende se há quem ensina, mas, principalmente, pelo caráter transformador e enriquecedor desse relacionamento para as pessoas envolvidas. Destacam, porém, a responsabilidade de guia e orientação do professor no processo educativo, para que o ensino e a aprendizagem promovam o desenvolvimento pessoal e cultural do aluno.

Referências bibliográficas

GUARDINI, R. (2000). *Mundo y persona*. Madrid: Encuentro.

LAUAND, L. J. (1987). *O que é uma universidade? Introdução à Filosofia da Educação de Josef Pieper*. São Paulo: Perspectiva, EDUSP.

- OLIVEIRA, M. K. (2002). *Piaget-Vygotsky: Novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática.
- OLIVEIRA, M. K. (1993). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- PINO, A. (2000). O social e cultural na obra de Vygotsky. *Educação e Sociedade*. v.21, n. 71, p.21-44
- PINO, A. (2004). Ensinar – aprender em situação escolar: perspectiva histórico cultural. *Contrapontos*, Ed. UNIVALI, SC, v.4, n.3, p.439-459.
- QUINTÁS, A. L. (2004). *Inteligência criativa: a descoberta pessoal dos valores*. São Paulo: Paulinas.
- QUINTÁS, A. L. (2003). *La filosofía y su fecundidad pedagógica*. Madrid: Revista Estudios.
- QUINTÁS, A. L. (1996). *Cómo lograr una formación integral*. Madrid: San Pablo.
- QUINTÁS, A. L. (1995). *O amor humano: seu sentido e alcance*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- QUINTÁS, A. L. (1987). *Estética de la creatividad*. Barcelona: PPU.
- ROSA, J. G. (1986) *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SMOLKA, A. L. (2004). Sobre a significação e o sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações. In Rossetti; Ferreira, M.; Amorim, K.; Silva, A; Carvalho, A. *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- VASCONCELLOS, V. M. R. (2006). Um visão prospectiva do desenvolvimento em que o presente está sempre recriando o passado. In Dominique Colinviaux; Luci Banks Leite; Débora DellAglio (Org.) *Psicologia do Desenvolvimento: teorias, pesquisas e aplicação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 1, p.63-89
- VYGOTSKY, L.(2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, v.21, n. 71, p. 45-78
- VYGOTSKY, L.(2007). *Formação social da mente*. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes
- VYGOTSKY, L.(2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido para publicação em 27-07-09; aceito em 11-08-09